

## **ARTIGO**

---

# **O ESTADO DE RORAIMA E AS FRONTEIRAS COM A VENEZUELA E A GUIANA**

Esta análise procura situar o Estado de Roraima no contexto geográfico, considerando que sua posição estratégica, possibilita sua inserção no processo de abertura de fronteiras, pelo qual passa o Brasil. Nesse sentido, o Estado, faz fronteira política com a Venezuela e Guiana. Em geral sobre fronteiras, identificamos dois aspectos conceitualmente diferenciados, mas não excludentes. O primeiro é o "formal ou linear" e o segundo é a "zona de contato"<sup>1</sup>, esta conhecida também como "zonalidade".

Nesse passo, Marcano (1996, p. 26) define a "fronteira linear" ou "fronteira política" como, geralmente, produto de um tratado internacional entre países vizinhos que se concretiza através de demarcação. Já para Pujol (1985, p. 37), a noção de fronteira é espacial, significando uma faixa de território sem limite geográfico, que se define mais por seus atributos sócio-econômicos que por sua realidade física.

A fronteira, em seu caráter de espaço ou zonalidade, constitui um campo em que se desenvolvem processos econômicos, sociais, tecnológicos, culturais e políticos, que criam

<sup>1</sup>Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Departamento de História da UFRR

<sup>1</sup>O conceito "zona de contato" é uma tentativa de se inovar a presença espacial e temporal conjunta dos sujeitos anteriormente separados por descontinuidades históricas e geográficas e cujas trajetórias agora se cruzam. Uma "perspectiva de contato" põe em relevo a questão de como os sujeitos são constituídos nas relações uns com os outros. In: PRATT, Mary Louise. Os Olhos do Império: Relatos de Viagem e Transculturação. Tradução Hernâni Bonfim Gutierre. Editora da Universidade Sagrado Corajie-EDUSC, s.l. p. 32.

e fortalecem categorias que dão um sentido diversificado ao termo "fronteira". Esta diversidade é de interesse cada vez maior da literatura recente. Em função das diferentes categorias analíticas que se pode aplicar para defini-la, podemos nos deparar com "fronteiras culturais, fronteiras tecnológicas, fronteiras de integração, e fronteiras de caráter económico," Marcano(1996,p.34).

Constata-se, desse modo, uma evolução no conceito de fronteira, não só em sentido estrito, mas em função de sua aplicação a fenômenos tipicamente contemporâneos. Assim é que o aumento do conhecimento humano acumulado e sua detenção dão margem à criação de teorias sobre as novas fronteiras que se estabelecem. No tocante à Amazônia brasileira, Bertha Becker (1998, p. 83), em seus trabalhos sobre a região, discute uma "fronteira tecno(eco)lógica". Para a referida autora, "a tecnologia avançada cria condições para a exploração das florestas e dos rios, sucedendo-se rapidamente as novas frentes contraditórias. A tecnologia energética submerge a floresta ou a transforma em biomassa para produção de energia; a da engenharia genética preserva a floresta como paraísos *experimentais para o vetor científico-tecnológico moderno*".

Sob outra perspectiva Martins (1997, p. 12-13), considera a fronteira como um lugar privilegiado para observação sociológica a fim de que se possa conhecer melhor os conflitos e dificuldades próprios da constituição do humano no encontro de sociedades que vivem no seu limite e no limiar da História. Afinal, é na fronteira que se pode melhor observar como as sociedades se formam, se desorganizam ou se reproduzem. Segundo o mesmo autor, a fronteira de modo algum se reduz e se resume a fronteira geográfica.

Cabe considerar que o mundo de hoje é caracterizado por processos de globalização da economia, pela cooperação internacional e por uma surpreendente velocidade que transforma o mundo de muitas maneiras. Desse modo, não é de surpreender que, no plano territorial, o estudo de áreas de fronteira assumam novas dimensões. Em razão disso, a abordagem do conceito de fronteira exige uma preocupação interdisciplinar para uma melhor compreensão dos processos fronteiriços contemporâneos. A título de exemplo, nota-se que a Sociologia e a Antropologia têm-se preocupado também com o estudo de fronteira como "zonas de contatos" entre grupos de culturas diferentes; a geografia, por sua vez, se volta para discutir a dimensão espacial das zonas fronteiriças. Por outro lado, é na História que se pode

PÍIH nitrar o suporte que permite conhecer a formação e a ocupação das ii. moiras de um Estado, Lacasse (1990, p. 190). Como consequência, o iii ill'1'.o entre estas disciplinas torna-se útil e necessário para a compreensão da nvolução e da discussão sobre os fenómenos fronteiriços.

Não obstante, muito se tem criticado as áreas ou disciplinas que tratam iln questão das fronteiras enquanto meros fenómenos de separação, sem a duvida preocupação em compreender os fenómenos sociais da fronteira como lugnr ou zona de contato. Surgem, também, categorias de análise que se (ifinfram na análise das relações do Estado fronteiriço/sociedade local, liiivilegiando a cooperação e a integração, bilateral ou multilateral, para o i li".envolvimento das regiões fronteiriças. Nesse contexto, aparecem as i ii<i',orias de cooperação e de integração fronteiriça, Alzate (1989, p. 218). Dnsse modo, têm-se a opinião de que se faz necessário proceder a uma nhsorvação histórica sobre as localidades situadas na faixa fronteiriça de Roraima, assinalando os pontos de contato, de intercâmbio, de cooperação e &#x2192; integração com os vizinhos.

O estado Bolívar é o território venezuelano limítrofe a Roraima, ou seja, a unidade administrativa mais próxima. A cidade venezuelana de Santa Elena do Uairén faz limite com o município de Pacaraima, no Brasil. A ocupação humana (In fronteira Brasil/Venezuela é um processo antigo. Contudo, os brasileiros que vivem na fronteira não conseguiram construir uma identidade. Segundo Marcano (1996, p. 185) os principais conflitos vividos pelos brasileiros da lronteira estão relacionados com a ilegalidade de sua permanência em Santa Elena do Uairén ou em outras regiões, ao sul da Venezuela; razão pela qual muitos são expulsos de onde trabalham, principalmente na extração de minérios. O município de Pacaraima é ligado a Boa Vista pela rodovia BR 174 até Santa Elena do Uairén, que se liga a Caracas por estrada de rodagem.

No tocante ao relacionamento comercial de Roraima com a Venezuela, pode-se afirmar que data do início do século XX e que não se restringe apenas ao comércio formiga<sup>2</sup>. Os comerciantes brasileiros de Pacaraima ofertam géneros de primeira necessidade, dentre os quais destacam a carne bovina, os produtos de vestuário, chocolates, etc. Em Santa Elena do Uairén, são ofertados, dentre outros diversos produtos, cerveja, leite em pó e mariscos. As

Comércio formiga: é uma forma cotidiana de intercâmbio comercial, no qual as pessoas abastecem-se de produtos da dieta básica, fenómeno que ocorre entre as localidades limítrofes, é um comércio incipiente.

atividades comerciais mais importantes e expressivas são as vendas de ouro e diamante, além de cimento e de fertilizantes, Marcano (1996, p. 186-187). Entre 1974 e 1982, a madeira local passou a ser o principal produto exportado para a Venezuela, além das máquinas<sup>3</sup> e sementes de capim, (INTEGRAÇÃO, 1993). No entanto, o fator que geralmente tem maior influência nas relações comerciais entre cidades de fronteira, resultando em movimento de expansão ou retração é a paridade cambial.

Em Santa Elena do Uairén, sempre existiu uma tendência dos fronteiriços para se expressarem com interposições de palavras em português. Em Pacaraima, os brasileiros costumam expressar-se em espanhol ou "portunhol". Com isso conclui-se que os dois idiomas contemplam o intercâmbio cultural como instrumentos unilaterais. Na prática, as escolas não participam do processo de integração humano-cultural dessas populações, uma vez que não ofertam cursos em português e espanhol. Em razão disso, há uma tendência em se considerar que a escola deve ter um programa mais flexível e deve humanizar-se com elementos da experiência local, deixando de trabalhar inconscientemente a favor da fragmentação. É importante mencionar que há alunos venezuelanos que atravessam diariamente a fronteira para estudar do lado brasileiro, assim como também há filhos de brasileiros residentes na fronteira venezuelana que estudam em Pacaraima, Marcano (1996, p. 199). Verifica-se aí, a existência de uma fronteira aberta, onde o estudo não deve basear-se apenas nas diferenças, mas também no que há de híbrido, dada a complexidade da questão fronteiriça.

Com relação à ação de programas integrados com a Venezuela, em 1982, foi assinado, pelos Chanceleres José Alberto Zambrano e Ramiro Saraiva Guerreiro, na cidade de Caracas, o "Convênio de Transporte Terrestre Fronteiriço de Carga" e o "Acordo sobre Cooperação Sanitária Fronteiriça" entre os dois Governos. Em 1987, os presidentes do Brasil e da Venezuela iniciaram a exploração de fórmulas institucionais para a cooperação fronteiriça diante do potencial das cidades de Boa Vista e de Santa Elena do Uairén. Na "Declaração Conjunta" firmada, os Chefes de Estado compartilharam do interesse recíproco de promover o desenvolvimento socioeconômico das regiões fronteiriças, dando ênfase ao melhoramento das condições de vida e do transporte de

<sup>3</sup>As máquinas (ônibus, chassis para ônibus, máquinas para serrarias e caminhões) são trazidas do sudeste do Brasil.

pessoas e bens; e ainda examinar os meios adequados para incrementar o comércio na região. Desse acordo de cooperação, saiu a pavimentação da BR 174, ao norte de Boa Vista, até o marco BV-8 na fronteira, Pinto Coelho (1992, p. 129-130).

No tocante à República Cooperativista da Guiana, a cidade de Lethem marca o limite fronteiro com a cidade do Bonfim, do lado brasileiro. Ambas as localidades tiveram um surto de desenvolvimento nos últimos anos. Cabe registrar que a ocupação do território da Guiana (ex-britânica) foi orientada para exportações de produtos primários (plantations) e que constituiu um sistema de povoamento dependente do Atlântico para a sua sobrevivência, totalmente desvinculado do sistema português, estabelecido no alto rio Branco, Barros(1995, p. 186).

A reorganização da sociedade guianense e sua consequente integração à economia de mercado somente veio acontecer no final dos anos 80. A partir daí, vem-se estimulando as tentativas de trocas com o Brasil. A estrada que liga Boa Vista a Bonfim, a BR 401, foi melhorada nos anos de 1990, pelo Governo do Estado de Roraima, e isso estimulou os comerciantes de Boa Vista interessados nas trocas com a Guiana. A fim de efetivar esse comércio, o governo brasileiro financiou a construção da estrada Lethem/Georgetown, ligando o norte ao sul da Guiana<sup>4</sup>. Também faz parte do acordo, a construção de uma ponte sobre o rio Tacutu<sup>5</sup> que ligaria a cidade de Bonfim a Lethem e proporcionaria também um acesso fácil de Boa Vista aos portos atlânticos de Georgetown, liberando Roraima da dependência do porto de Manaus.

Trata-se, na verdade, de uma importante iniciativa política, considerando que projetaria ainda os seguintes fatores:

- a) a ampliação da fronteira agrícola e das áreas de pastagens da Guiana, com o acesso a grandes regiões de terras aráveis no Território do Rupununi; b) redução de gastos com fretes; c) exploração racional de regiões florestais na Guiana, em área superior a 70.000 milhas quadradas na qual crescem mais de 400 espécies

\*Em 1982, os Chanceleres do Brasil e da Guiana celebraram o Memorandum.

<sup>5</sup>O rio Tacutu (Roraima) é a área limítrofe com a cidade Guiana de Lethem, atualmente se atravessa o referido rio em balsas.

diferentes de madeira comerciável; d) acesso a região com potencial de petróleo e ricas em outros minérios; e) para a Guiana a estrada representaria um eixo importante de integração territorial interconectando a faixa costeira com o "hinterland desabitado. A estrada de Boa Vista a Georgetown dista 616 km. (PINTO COELHO, 1992, p. 130)

O comércio formiga da fronteira Lethem/Bonfim, sempre existiu através de alimentos, produtos eletrônicos, roupas, calçados e medicamentos. Os fronteiriços estão acostumados a viverem dependentes do câmbio, não apenas do seu próprio país, mas também do país vizinho. Dos produtos passíveis de grande demanda no mercado guianense figuram as máquinas pesadas, os pneus e o material elétrico. A Guiana é, ainda, potencialmente, exportadora de peixes, camarões e açúcar (INTEGRAÇÃO, 1991).

No tocante à educação, é importante ressaltar que na rede municipal de Bonfim figuram alunos guianenses, que também utilizam os serviços médico-odontológico daquele município brasileiro. Observa-se que nas cidades de Bonfim (Brasil) e de Lethem (Guiana), não são oferecidos cursos de português e nem de inglês, havendo, pois uma lacuna fundamental à integração cultural. As referidas cidades são produtoras de relações formais e informais entre seus habitantes. Aí, as sociedades se formam e se tornam híbridas, adquirindo características próprias.

Em resumo, no que tange ao "comércio formiga", é importante ressaltar que as populações fronteiriças (Brasil/Venezuela/Guiana) percebem uma maior presença do Estado na fronteira. Com o decorrer dos anos o Estado se transforma se retira da função de proteção e reaparece em seu papel de controlador e regulamentador das relações. A bem da verdade trata-se, antes, de uma mudança de um modo de territorialização por outro.

Na década de 40, o Deputado Federal Antônio Martinsjá defendia que o Território do Rio Branco não poderia se desenvolver isoladamente, mas em conjunto, em harmonia de interesses e em vivo intercâmbio com os seus vizinhos geopolíticos. Clamava o político por uma nova política internacional, baseada na franquia de certos portos e de certos núcleos de fronteira, visando a irradiar a riqueza do Rio Branco, tanto para Manaus quanto para os portos marítimos mais próximos, principalmente Georgetown. Segundo seu entendimento, por essa via, o Território Federal do Rio Branco alcançaria

rapidamente o seu desenvolvimento e serviria ao abastecimento dos mercados estrangeiros vizinhos. Sob esse ponto de vista da geopolítica não se pode ir de encontro às realidades geográficas. O Rio Branco deve ser o abastecedor de Manaus e de outras cidades, no que diz respeito ao gado e produtos derivados. Mas geográfica e economicamente o futuro do Território do Rio Branco está intimamente ligado às necessidades dos mercados limítrofes, Martins (1947, p. 16).

Percebe-se nesse sentido que a integração física de Roraima com o centro-sul do Brasil e com os países vizinhos já fazia parte da geopolítica do país e que os administradores, na década de 40, já refletiam sobre a questão. Não obstante, existiu a continuidade e o recrudescimento dessa ideologia durante o regime militar pós-64, quando os fatores geopolíticos foram considerados fundamentais e prioritários para o desenvolvimento e a segurança nacional.

Com relação à integração fronteiriça, Boa Vista capital do Estado surge como um ponto estratégico de conexão via terrestre, com Manaus, Lethem, na República da Guiana e Santa Elena, na Venezuela. Esse triângulo Boa Vista-Santa Elena-Lethem deverá ter seu progresso incentivado pelos três países, transformando-se, quiçá, numa área fronteiriça de intercâmbios, verdadeiro pólo de relações com dimensões internacionais, irradiando desenvolvimento de ordem económica e social às regiões adjacentes.

É mister salientar, que no contexto de interesse da Cooperação da região Amazônica foi assinado em Brasília, no dia 3 de julho de 1978, o TCA (Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Guiana, Peru, Suriname e Venezuela). Representou a união de um esforço diplomático, num propósito de desenvolvimento internacional, com as nações participantes da Bacia Amazônica. Seu objetivo principal foi instituir um mecanismo permanente que regularize e intensifique os contatos entre os governos e setores técnicos dessa região, eliminando o caráter episódico e descontínuo que os tem prejudicado até o momento, Mattos (1980, p. 120-122). A síntese do Tratado é a aproximação entre os dirigentes e as populações da Amazônia.

Convém ressaltar que foi sancionada, em 1991, a Lei nº 8.256, que criou as Áreas de Livre Comércio de Pacaraima (ALCP) e de Bonfim (ALCB), a fim de assegurar um incremento económico para Roraima (INTEGRAÇÃO, 1992). Entretanto, até o momento as referidas áreas não foram implantadas. No que diz respeito à integração, foi estabelecido, em Boa Vista, um movimento

visando à integração comercial Roraima/Venezuela/Guiana. Trata-se de uma nova zona de comércio, poder-se-ia falar num novo mercado: o MERCNORTE<sup>6</sup>, segundo Teles (1993).

Nos dias atuais, seguindo sua política de integração com a Venezuela e a Guiana, o Brasil co-assinou a "Aliança Pragmática", ou "Aliança Estratégica" com a Venezuela, que consta de uma série de acordos comerciais em áreas prioritárias dos dois países: infra-estrutura, mineração, siderurgia, comércio, ciência e tecnologia, desenvolvimento agrário (agroindústria), dentre outros. Esta aliança com a Venezuela é vista pelo Governo brasileiro, como um ponto importante na integração comercial entre os dois países. Esta referida aliança possui um cunho mais prático e capitalista. Marcará, por exemplo, a liberação de recursos do Banco Nacional de Desenvolvimento Económico e Social (BNDES) e do Programa de Financiamento e Exportação (PROEX) para as obras na Venezuela que serão tocadas por empresas e que utilizarem produtos do Brasil. Já com a Guiana a cooperação bilateral será prioritariamente na área de saúde, educação, pesquisa agrícola e combate aos ilícitos transnacionais, Folha de Boa Vista (2005). Nesse sentido, de acordo com Pinto Coelho (1992), fica claro que tais resultados programáticos das alianças dependem de uma diplomacia gradual, de incrementos sintonizados com o paradigma da modernidade na Amazônia, distinguindo pela valorização da escala local, pela velocidade de mutação de fenômenos regionais específicos.

Conclui-se, destarte que no decorrer dos anos o Governo brasileiro vêm tentando uma integração com os seus vizinhos, através da Cooperação (atualmente, as considerações doutrinárias de "segurança nacional" são substituídas pela disposição da palavra "Cooperação"), mas entre o discurso e a prática esta integração apresenta dificuldades, sobretudo no que diz respeito a integração económica. Sem sombra de dúvida, Roraima possui condições essenciais para desenvolver uma Cooperação com seus vizinhos, e analisando ainda um outro ponto de vista, pode ser considerado como um Estado aglutinador no processo de integração com o norte do Continente, na busca de uma aproximação dos países que formam o Tratado de Cooperação Amazônica

<sup>6</sup>O MERCNORTE seguirá os caminhos do MERCOSUL. Eu diria que, por suas dimensões e potencialidades no contexto sulamericano, o Brasil certamente será a força aglutinadora deste lado da América. As vastas extensões de suas fronteiras exigem que se procure outros contornos germinadores de mercados. In: TELES, João Agostinho. A Bandeira do Merco norte. In: Coleção de Artigos nº 03 Aspectos Sócio-econômicos e Desenvolvimento de Roraima. Superintendência Nacional de Abastecimento - Delegacia de Roraima, Boa Vista-RR. p. 11.

Mãe Ni...bstante, até o presente não foi possível ainda identificar um [...] do "fertilização" econômica mais profícua com os vizinhos. Segue-se, [...] nincei teza dessa total integração, em face das questões burocráticas que [...] lentamente.

**RESUMO:** Este trabalho objetiva traçar um panorama sobre o conceito de PrtinUiira, relacionando-o Estado de Roraima e os vizinhos Venezuela e 'MI MI,i, assinalando assim, os pontos de contatos, intercâmbio, de [...] poraçãoe de integração.

**RALAVRAS-CHAVE:** Fronteira, História, Geopolítica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Al/Alí, Beatriz. Humanización conceptual de la frontera: El caso amazónico. En Revista de Aiiiij)ología.Vol.n.I-2. Departamento de AntropologiaUniversidad de los Andes. Bogotá, 1989.
- HAUKOS, Nilson Cortez Crócia. Roraima: paisagens e tempo na Amazônia Setentrional. Recife: IIniversidade Federal de Pernambuco, 1995.
- III CKCR, Bertha.Amazônia.6ªed.SãoPaulo:Ática, 1998.
- iti ICHONNET, Paul y RAFFESTIN, Claude. Géographie des Frontières. Paris. Presses Uinversitaires tld France, 1974.
- IACASSE, Jean Paul. Les Nouvelles Perspectives de l'etude de Frontières Politique: Revue de (Jiinques Contributions Recentes. En Cahiers de Géographie de Quebec. S. I. V. 18, 1974.
- MARCANO, Elvia Elena Jiménez. La Construcion de EspaciosSocialesTransfroteirizos entre Santa I lirma de Uairen - Venezuela e Vila Pacaraima/ Brasil. Tese de Doutorado. Programa Conjunto de Di ilorado Sobre América Latina e o Caribe. Universidade de Brasília- U NB, 1996.
- MARTINS, Antônio. O Território Federal do Rio Branco. Discurso proferido na Câmara dos Di iputados, no dia 07/10/1947. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1947.
- MARTINS, José de Souza. Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano. São Paulo: Huctec, 1997.
- MATTOS, Carlos de Meira. Uma Geopolítica Pan-Amazônica. Rio de Janeiro: Olímpyo, 1980.
- PINTO COELHO, Pedro Mota. Fronteiras na Amazônia: Um Espaço Integrado. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 1992.
- 1UJOL, Davila José. Sistema e Poder Geopolítico. Buenos Aires: Corregidor. 1985.
- RORAIMA. Revista Integração Venezuela/Brasil/Guiana. Boa Vista-RR, nº 2. Agosto, 1991.
- \_\_\_\_\_.Revista Integração Venezuela/Brasil/Guiana. Boa Vista-RR, nº 5, março, 1992.
- \_\_\_\_\_. Revista Integração Venezuela/Brasil/Guiana. Boa Vista-RR, nº 7, setembro, 1993.
- \_\_\_\_\_. Brasil e Venezuela entre "Aliança Pragmática". Jornal Folha de Boa Vista, 11 de fevereiro de 2005.
- \_\_\_\_\_. Lula inicia viagem há três países da América do Sul. Jornal Folha de Boa Vista 14 de fevereiro de 2005.
- TELES João Agostinho. A Bandeira do Merconorte. In: Coletânea de Artigos nº 03 Aspectos Socio-econômicos e Desenvolvimento de Roraima. Superintendência Nacional do Abastecimento - Delegacia de Roraima, Boa Vista-RR, 1993.